

SERÁ QUE ELA É? MULHERES ATLETAS E QUESTÕES DE GÊNERO

Talita Affonso Gaspar

Verônica Werle

Resumo: *O presente trabalho tem como base a monografia apresentada no curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. O objetivo foi compreender os papéis e estereótipos atribuídos à mulher atleta nos estudos de 3 revistas científicas da área de Educação Física. Foram analisados 14 artigos e construídas 4 categorias que dizem respeito aos estereótipos relacionados aos espaços sociais, ao modelo de beleza, a orientação sexual e influência da mídia nestas situações.*

Palavras-Chave: *Mulheres-atleta. Esporte. Estereótipo.*

IS SHE? ATHLETE WOMEN AND GENDER ISSUES

Abstract: *This work is based on the monograph presented in the course of Physical Education, Federal University of Santa Catarina. The aim was to understand the roles and stereotypes attributed to the female athlete in the studies of three scientific journals in the Physical Education area. We analyzed 14 articles and constructed four categories that concern to the stereotypes related to social spaces, the model of beauty, sexual orientation and influence of media in these situations.*

Key Words: *Women Athletes. Sports. Stereotypes.*

SERÁ QUE ELLA ES? MUJERES ATLETAS Y CUESTIONES DE GÉNERO

Resumen: *Este trabajo fue extraído en la monografía presentada en el curso de la Educación Física de la Universidad Federal de Santa Catarina. El objetivo era comprender los roles y estereotipos atribuidos a la mujer atleta en los estudios de tres revistas científicas en el campo de la Educación Física. Se analizaron 14 artículos y fabricar cuatro categorías que se refieren con los estereotipos relacionados con los espacios sociales, el modelo de la belleza, la orientación sexual y la influencia de los medios de comunicación en estas situaciones.*

Palavras Clave: *Mujeres-atleta. Deportes. Estereotipos.*

INTRODUÇÃO

Muitas meninas fazem do contato com as práticas esportivas experiências de sucesso com os esportes e, costumam ser vistas como “atletas destacadas”, independente da modalidade trabalhada na escola, para orgulho dos professores de Educação Física. Porém, de alguma forma, sentem resistências frente às meninas que não praticam e ou os meninos. Eu e outras colegas vivemos esta experiência, sendo que é partir destas vivências cotidianas que nasceu a motivação para o presente estudo.

Esse tipo de situação, de exclusão ou de tratamento diferenciado, pela proximidade/preferência das meninas pelo esporte, foi relatado por Howarth (apud AZEVEDO, 1988), em um estudo na Inglaterra onde observou que: “[...] é mais gritante na puberdade ou adolescência, mas é bem nítido também nas primeiras séries escolares onde as meninas são repreendidas por serem agressivas, fortes e ativas, enquanto os meninos são premiados por isso.” (p.73) Também chama a atenção o olhar que se tem a partir da mulher jogadora:

A própria mulher se questiona quando penetra o mundo dos desportos, pois, ao demonstrar alguma habilidade atlética ou técnica, ela não é admirada pelas suas habilidades e sim porque pode mover-se como um homem. Isto faz com que pergunte a si própria: se sou mulher, porque gosto de desportos? Hart (apud AZEVEDO, 1988, p. 27)

No curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, considerando todas as áreas que nele são abordadas, como biológicas, sociológicas, pedagógicas entre outras, percebe-se uma lacuna na formação acadêmica: a precária e insuficiente abordagem sobre o tema gênero. Para @s¹ interessad@s nessa temática, é oferecida como forma optativa no currículo a disciplina “Gênero e Educação Física”, sendo que, entende-se que ela deveria ser mais evidenciada, valorizada e até mesmo reforçada, devido à sua importância para a formação d@ profissional de educação física, seja professor@, técnic@, gestor@, etc... Tendo uma formação frágil e sendo rodeados por uma cultura onde os estereótipos sexuais e de gênero permearam a sociedade patriarcal e fizeram com que as mulheres que atuam em universos considerados masculinos fossem subjugadas e consideradas invasoras, inferiores ou masculinizadas, questiona-se: Como atuar nas diversas áreas de Educação Física de forma humanizadora, no sentido da transformação de pré conceitos?

Diante deste e outros questionamentos, a necessidade de compreender mais profundamente o tema foi a alavanca para a realização deste trabalho que tem a seguinte pergunta norteadora: quais são os papéis e estereótipos atribuídos à mulher atleta e abordados pelos estudiosos da área? Para isso, traçamos como objetivo complementar: identificar e analisar artigos que tratam da temática “mulher-atleta”, refletindo sobre os estereótipos vinculados a ela.

¹Adotamos o símbolo de arroba para identificar ambos sexos, como forma e economia de texto e com o intuito de substituir a universalização de sujeitos no masculino.

CONHECENDO OUTRAS HISTÓRIAS

Aprendemos que desde os primórdios, aos homens era atribuída a tarefa de caçar e proteger a família de predadores e inimigos enquanto que para as mulheres cabia cuidar da prole e do cultivo da terra. Desde então, a imagem de protetora, frágil e progenitora é atribuída a mulher quase que como naturalmente, apesar de que registros em cavernas mostram que mulheres e até crianças participavam da caça. Tal fato não seria negativo, nem por si só provocaria desigualdades de gênero se as características e tarefas tidas como masculinas, não fossem demasiadas valorizadas em relação às femininas, inclusive por aqueles que escreveram a história (RUBIO & SIMÕES, 1999).

Diante destas contradições, pergunta-se como a mulher foi destituída da força, da coragem e do poder e, como e onde surgem os discursos e idéias sobre o condicionamento da mulher à fragilidade e a certas incapacidades?

Tentando desconstruir os pré conceitos sobre estes estereótipos atribuídos às mulheres, Miriam Adelman (2003) mostra que o “ser frágil” não está diretamente ligado ao “ser mulher” ao expor o discurso de uma escrava abolicionista do século XIX que conta que trabalhava e era chicoteada tanto quanto um homem e nem por isso, precisava de ajuda para subir nos coches, e que assim questionava: “E não sou eu mulher?”²

A Revolução Industrial foi outro período em que o estereótipo da fragilidade feminina é impugnado, já que a mulher teve que sair do ambiente privado para ir às fábricas no intuito de complementar a renda familiar.

No Brasil do início do século XX, os discursos eugenistas, como os do médico Fernando de Azevedo, traziam inúmeras justificativas para que as mulheres praticassem atividade esportiva, porém moderadamente (GOELLNER & FRAGA, 2003). O mais “nobre” de todos os argumentos do médico era que as mulheres se mantivessem saudáveis a fim de gerarem filhos fortes e saudáveis para o progresso e a proteção da pátria. Tal era o cuidado com a “moderação” dos exercícios que as “mulheres-forçadas” eram ignoradas e silenciadas pelos intelectuais da época, de forma a não influenciarem as demais e sustentando os discursos da fragilidade feminina.

Apesar dos destaques de algumas atletas nas primeiras décadas do século XX, como é o caso da nadadora Maria Lenk, é promulgado o Decreto-Lei nº 3199 de 1941 estabelecendo que “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza...”. Complementando tal autoritarismo, o Conselho Nacional de Desportos aprovou a Deliberação nº 7 de 1965, impedindo às mulheres de praticar lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, *rugby*, halterofilismo e *baseball*, sendo revogada somente na década de 1970 (GOELLNER, 2005)

Tendo a cultura patriarcal como dominante na sociedade, não se estranha o fato de que, por muito tempo, as mulheres foram/são criadas para serem mães e cuidarem do lar. Felizmente hoje já se pode observar diferenças na no modo como os pais conduzem a educação de suas filhas, inclusive planejando suas carreiras profissionais. Porém, os

² (Sojourner Truth, 1797-1833. Abolicionista, oradora, ativista pelos direitos das mulheres e dos afro-americanos, especialmente os escravos libertados e fugitivos. Nascida na escravidão, emancipou-se aos 30 anos de idade.)

estereótipos permanecem marcados em uma infinidade de aspectos, especialmente nas cores das roupas, na decoração do quarto e nos brinquedos infantis.

Para deixar claro o que se entende por estereótipos recorremos a Saraiva (2005) quando explica que se trata do “conjunto de características que ‘definem’ o papel do indivíduo, enquanto o papel é o conjunto de comportamentos esperados desse indivíduo” (p.37). Sendo assim, entende-se que o esporte, assim como outros elementos sociais tem contribuído para reproduzir aquilo que a sociedade “espera”, reforçando e até mesmo criando estereótipos na sua própria prática.

O que salta aos olhos em relação aos estereótipos produzidos na sociedade é o fato das características tidas como masculinas (ex. força, razão...) serem sempre mais valorizadas do que as tidas como femininas (ex. fragilidade e emoção) sendo as últimas normalmente tidas como não condizentes com os valores preconizados pelo esporte. Tal é a força dos estereótipos nos esportes que pode-se dizer que a sua prática por mulheres é uma forma de empoderamento já que as atletas posicionam-se contra à dominação masculina e sexista da sociedade patriarcal. Assim, o sucesso das atletas contribui para a diminuição do abismo biológico entre os sexos, ameaçando o mito da fragilidade feminina (ADELMAN, 2003).

A partir do momento em que a maioria das modalidades são associadas ao padrão de masculinidade, as mulheres que as praticam passam a ser vistas como masculinas e até mesmo como homossexuais. Segundo Kátia Rubio e Antônio Simões (1999), “a mulher foi considerada como usurpadora ou profanadora de um espaço consagrado ao usufruto masculino” (p.50), o que é algo “inadmissível” para a supremacia masculina. Quando a sociedade patriarcal percebe a invasão em mais esse universo, o esportivo, sua presença é aceita na condição de que mantenha o padrão de beleza e feminilidade, atribuindo-lhe a imagem de musa. Esse é o papel com o qual as mulheres têm sido freqüentemente aceitas nos esportes e que fica bem retratado com a atitude tomada pela equipe brasileira feminina de *rugby* em 2009 que posaram seminuas para comercializar um calendário a fim de “driblar” a falta de patrocínio e arrecadar fundos para participar do Campeonato Mundial em Dubai.

Assim, a fim de analisar e compreender melhor os estereótipos atribuídos às mulheres-atletas recorreu-se a busca de artigos científicos que dessem suporte a investigação.

METODOLOGIA

Ao buscar o tema dos estereótipos femininos dentro da realidade esportiva, optamos pela pesquisa exploratório-descritiva, de caráter qualitativo. Para compreender os papéis e estereótipos atribuídos à mulher atleta reunimos os trabalhos sobre a temática presentes em três revistas científicas da área tendo como critério a significativa produção científica da área, o alcance nacional e disponibilidade pela forma digital ou online. O período estabelecido para a busca foi entre 2000 e 2009 em virtude tanto dos avanços nos estudos feministas e de gênero no âmbito esportivo, como da própria participação feminina.

A partir destes critérios optamos pela Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE); Revista Movimento e a Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE). Para identificação dos artigos nas revistas, utilizando como palavras-chave ou descritores: “mulher e esporte”, “identidade de gênero”, “gênero”, “mulher atleta”, “mulher e treinamento”.

Após esta identificação inicial, procedeu-se com a leitura dos resumos dos respectivos artigos a fim de delimitar aqueles que realmente se adequassem a temática

mulher-atleta e que utilizassem a perspectiva de gênero. Assim, chegou-se a um total de quatorze artigos: oito na Revista Movimento, quatro na RBCE e dois na RBEFE.

Para analisar os papéis e os estereótipos atribuídos às mulheres-atletas de acordo com os artigos pesquisados recorreremos a análise de conteúdo (BARDIN,1977), a partir das etapas da pré-análise, da exploração do material e da análise dos resultados com a interpretação. Desta forma, procedemos com a leitura completa dos trabalhos e o agrupamento dos elementos relevantes segundo as características comuns para então partimos para a interpretação do que foi encontrado nos artigos.

Após este processo investigativo, foram construídas as seguintes categorias de análise: a) O “cara” e a “madame”: o público e o privado no esporte; b) A mulher no país do futebol (masculino); c) O papel da mídia na (in)visibilidade das atletas; d) Mas afinal, será que ela é?

ANÁLISE DAS CATEGORIAS

Diante ao que foi levantado quanto aos estudos sobre mulheres e esporte, encontra-se a seguir alguns fatores relevantes, senão fundamentais que mostram as mudanças, que nem sempre significam avanços, em relação aos estereótipos atribuídos às mulheres atletas.

Cabe ressaltar que alguns artigos foram adequados em mais de uma categoria em virtude da relevância que atribuíam a determinados aspectos significativos e que deram origem às categorias.

a) O “cara” e a “madame”: o público e o privado no esporte

A discussão acerca dos domínios do público e do privado vem de muito tempo. A pré-determinação da maternidade manteve a mulher nos domínios do trabalho doméstico e não no âmbito público, lugar destinado aos homens.

Podemos dizer que, de alguma forma, a maioria dos artigos analisados mostra a divisão do ambiente público e do privado, também em relação às práticas esportivas, a que são pré-determinados homens e mulheres, porém quatro artigos trataram desta temática destacadamente.

Ao longo de muitos séculos, vivenciamos o que Saraiva (1994) denominou de confronto de culturas entre homem e mulher, masculino e feminino; enquanto ao homem cabe a força, a racionalidade e o título de provedor, à mulher cabe o papel de cuidar dos filhos, do marido e da casa. Por isso, aos homens, compete a função de lidar com o público, quando sai para garantir o sustento de sua família e às mulheres fica o privado, reservado ao seio da família e do lar. A partir do momento em que as mulheres precisam sair do privado seja para sustentar a família³, seja para “competir” com o homem na vida social, ela passa a ter trabalho dobrado, já que não era/é aceito a mulher abandonar o lar e/ou a família. Como corrobora Souza e Knjinik (2007):

o domínio do masculino é o público, o político e nele se inserem princípios de força, racionalidade, atividade, objetividade. O domínio do feminino é o privado, o doméstico

³A mulher sai do privado desde a Revolução Industrial, quando precisa adentrar as fábricas para auxiliar os homens no provento da família.

ao qual se conjugam fragilidade, emoção, passividade, subjetividade. (p.39)

Paula Chiés (2006) mostra que esta divisão nos espaços sociais acontece desde a Grécia Antiga, e que o esporte sempre representou uma maneira de desenvolver e afirmar a masculinidade. Falando do final do século XIX e início do XX, Ludmila Mourão (2000), mostra como a maioria das mulheres eram criadas para serem belas e parideiras sem adentrar no sagrado universo masculino dos esportes, porém aquelas da elite, tinham acesso, mesmo que restrito, a algumas modalidades com certo apoio familiar. Tal reserva se dava sob o argumento da preocupação com o bem estar das mulheres, quando na verdade, a inquietação era com a subversão dos papéis, uma vez que “invadiram” o espaço masculino, deixando de lado sua “função” de mãe (FRANZINI, 2005).

Transposta esta questão inicial, as atletas passa a enfrentar outra dificuldade: com o aumento da sua participação nas atividades passam por mudanças corporais que aproximam-se do modelo corporal tido como masculino, sendo alvos de preconceitos. A reação das atletas é procurar feminilizar sua imagem em busca de reconhecimento como mulheres e atletas de ponta (SOUZA & KNIJNIK, 2007).

Assim como as mulheres, é importante destacar que todo esse simbolismo e representação de papéis sociais incutidas nos esportes tráz as marcas de gênero para os homens também. Assim demonstram Souza e Knijnik (2007) quando se referem a esportes como o “voleibol *masculino*”, mesmo que hoje os homens não sofram tanto preconceito, ainda existe muita resistência em outras como patinação artística e a dança.

b) A mulher no país do futebol (masculino)

É comum ouvirmos histórias de grandes jogadores que começaram a desenvolver a paixão pelo futebol com as famosas peladas de rua e bolas feitas de meias. Todavia, se o futebol é um espaço tão democrático, porque tantas barreiras surgem para a participação das mulheres nesta modalidade? Entre os artigos analisados, seis deles tratam dessa temática, provavelmente devido a vinculação do futebol à masculinidade.

O esporte é considerado um fenômeno cultural de grande influência na sociedade e é por isso “intervém e participa de todas as grandes problemáticas sociais, da educação à política, passando por questões demográficas, geográficas e mesmo jurídicas”. (BOUET, *apud* SOUZA & KNIJNIK, 2007, p.37). Por isso em ano de Copa do Mundo, é estrondosa a cobertura da mídia sobre o evento e a mobilização popular, que parece ser maior do que nas eleições presidenciais.

Indagando tais questões em uma roda de conversa informal, é comum ouvir o argumento de que no “país do futebol” não se pode esperar outra reação da população. Desta forma, não deveríamos redefinir tal *status* para o “país do futebol masculino”? Uma vez que sobre a Copa do Mundo de futebol feminino, estamos longe de ver uma cobertura midiática na proporção do futebol masculino.

Mas então, se o Brasil é país do futebol, por que dessa invisibilidade do futebol feminino e de outras modalidades? Concordamos com Silvana Goellner (2005) que levanta duas possibilidades; a suposta masculinização da mulher futebolista/atleta e a normatização da beleza e feminilidade imperativa à mulher.

Segundo Ludmila Mourão e Márcia Morel (2005), há registros de que mulheres jogavam o futebol na década de 1930 e 1940, sendo retratado por jornais da época de

forma caricata, acentuando-se a falta de habilidade das mulheres com a bola, o que acabava por torná-los um evento cômico.

Em contrapartida, Luiz Carlos Rigo e colaboradores (2008) mostram em seu trabalho a grande publicidade e simpatia que algumas equipes de futebol feminino de Pelotas receberam nos anos de 1950. Apesar da aceitação inicial, assim que o Conselho Nacional de Desportos descobre as equipes e faz valer a proibição da prática feminina desta modalidade, a sociedade e os órgãos de imprensa também acatam a proibição.

Sobre os anos de 1980 e 1990, os artigos mostram que a mídia tenta diminuir a imagem masculinizada das mulheres atletas e as transformam em musas, passando a ser donas de corpos perfeitos e formas harmônicas. Mourão e Morel (2005) retratam um episódio ocorrido em 2003 em que o técnico da seleção brasileira de futebol feminino da época, demonstrou de maneira clara que a convocação de Milene Rodrigues (esposa do jogador profissional Ronaldo na época) para o Campeonato Mundial, trazia mais visibilidade ao time pela sua imagem associada e beleza e a maternidade do que por suas qualidades técnicas propriamente.

Diferentemente dos demais estudos, Hugo Lovisolo e colaboradores (2006) entendem que a discussão dos estudos de gênero frente ao futebol feminino é uma “infiltração” em um espaço masculino onde as mulheres buscam reconhecimento e retorno financeiro a exemplo de seus colegas homens.

Ao final, entende-se que os estudos feministas e de gênero tem trazido grande evolução quanto à participação da mulher nos esportes, porém ainda se está longe de uma igualdade quanto à visibilidade da participação feminina dentro das quatro linhas de um esporte considerado como um dos mais democráticos.

c) O papel da mídia na (in)visibilidade das atletas

Esta categoria desenvolveu-se em virtude de seis artigos que desvelam o papel da mídia e sua influência em relação aos estereótipos das atletas. O título é ilustrativo de uma questão fundamental apresentada nos estudos analisados, qual seja, a visibilidade das atletas devido a seus atributos físicos o que, ao mesmo tempo, as torna invisíveis quanto ao seu desempenho profissional. Observa-se, portanto, a (des) construção de ícones esportivos para que atendam ao esporte espetáculo.

A fim de dissolver a imagem da mulher atleta masculinizada, a mídia constrói a musa, dona de um corpo perfeito conforme as normatizações estabelecidas:

“[...] a maneira como as mulheres atletas se mostram na sociedade, seus comportamentos e seus corpos, são ditados pela sociedade e reforçados pela mídia, onde são moldadas de forma a destacar sua sexualidade, ou atributos físicos, em detrimento ao rendimento esportivo” (SOUZA E KNIJNIK, 2007, p.35).

Contribuindo para esta discussão, Figueira e Goellner (2009) mostram como a (in) visibilidade da mulher atleta na mídia e a conseqüente falta de patrocínio podem ser prejudiciais para seu desempenho causando, inclusive, o abandono da carreira. Um caso ilustrativo, apresentado pelas autoras, aconteceu em 2005, quando foi grande a repercussão midiática da vitória de dois brasileiros no Mundial de *Skate*, um na modalidade vertical e o outro na *street*, e basicamente ocultada a participação de uma brasileira consagrada campeã mundial na modalidade vertical no mesmo evento. Assim, as autoras mostram a necessidade da criação de mídias alternativas feitas pelas e para as mulheres atletas, a fim de divulgar seus feitos e assim conseguir mais apoio.

Sobre as diferenças entre as e os atletas na mídia, é interessante a esquisa realizada por Souza e Knijnik (2007) no jornal *Folha de São Paulo*. Os autores constataram uma diferença de 700% a mais de visibilidade das modalidades masculinas em relação às femininas e, enquanto que para os atletas homens usava-se adjetivos como herói, habilidade, ídolo, líder, às mulheres atletas eram referidas com adjetivos relativos à sua aparência, a feminilidade, infantilizando-as, parecendo sugerir proteção, isso quando não sugeriam sua masculinização.

Em suma, os trabalhos mostram que os estereótipos vinculados às atletas, depende muito do que a mídia transmite, da mesma forma que pode ridicularizar, pode engrandecer as jogadoras, mas de qualquer forma influenciam muito como a sociedade vê os esportes e as mulheres atletas. A manutenção ou transformação dessa relação hierarquizada e sexista presente nos esportes depende da vontade e das representações de quem está no comando, cabendo lembrar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para alcançarem os cargos diretivos e do alto escalão esportivo. A grande preocupação dos autores dos artigos é desconstruir esses dois conceitos tão extremos, qual seja, a erotização e a masculinização dos corpos, que ofuscam o objetivo do esporte de rendimento, qual seja, o desempenho.

d) Mas afinal, será que ela é?

Finalmente chegamos a um ponto que permeia grande parte dos artigos analisados além dos seis que debatem de forma mais profunda sobre a masculinização da mulher atleta e sua vinculação com a homossexualidade.

O fato do esporte estar histórica e culturalmente ligado ao universo masculino fez com que as mulheres que adentrassem nesse universo fossem frequentemente relacionadas à homossexualidade e a masculinização, questão que é reforçada pela influência que esporte de rendimento visto como esporte-espetáculo tem sobre a sociedade e suas significações.

Se o esporte é sinônimo de força, destreza, músculo, velocidade, os artigos mostram que as mulheres atletas estão tendo que, de alguma forma, feminilizar seus corpos, reafirmar sua heterossexualidade a fim de fugir da estereotipia e do preconceito (ADELMAN, 2006). A transformação da mulher masculinizada em musa é em grande parte atribuída a mídia, como mostram Mourão e Morel

Visto que continua-se vivendo numa sociedade onde a normatização vem do homem, branco, católico e heterossexual, os questionamentos acerca da sexualidade da mulher atleta continuam latentes. Porém, entende-se que a pergunta fundamental deveria ser: Afinal, realmente importa se ela é ou não homossexual? Isso leva a mulher atleta a reafirmar sua heterossexualidade a fim de fugir da estereotipia e do preconceito, como afirma Miriam Adelman (2006).

Esse aspecto não tem sido suficientemente investigado e esclarecido, como destacam Kátia Rubio e Antônio Simões (1999), ao afirmar que

[...] com algumas exceções, a heterossexualidade não tem sido problematizada como um princípio organizador na literatura sobre gênero e esporte. Isso é surpreendente na medida que o corpo é um importante símbolo de sexualidade e que o esporte é uma instituição social que busca focar o físico (p.53).

Devido a essa importância, é que discute-se a influência dos estereótipos sobre as meninas que iniciam a prática de determinados esportes e as jovens que enfrentam reações adversas e até mesmo acabam desistindo da modalidade.

Adequadamente, os artigos que trazem os discursos de várias épocas, tentam responder se a mulher que pratica o esporte e que transforma seu corpo dito frágil em um corpo forte tem alguma relação à orientação sexual, porém mostram como as atletas têm que estar constantemente representando um papel para se reafirmarem profissionalmente. Sejam as que são homossexuais e acabam por esconder sua orientação, no sentido de mostrarem-se femininas e não serem julgadas ou discriminadas, ou as heterossexuais, que se mostram musas e/ou mães a fim de reafirmarem sua heterossexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de compreender os papéis e estereótipos atribuídos à mulher atleta no estudo de 3 revistas científicas, pode-se evidenciar paradoxos existentes nos discursos e nas representações. Se pode-se dizer que, ainda que de forma generalizada, as mulheres conseguiram driblar as amarras que as prendiam ao lar e aos filhos, conquistando espaço em diversos esferas e entre elas a esportiva, por outro lado seu sucesso e as mudanças corporais entendidas como maculinas, não as livraram de outras amarras que as prendem a um padrão de feminilidade ligado a beleza e heteronormatividade. Outra evidencia refere-se ao papel atribuído a mídia, tanto na (re)produção de estereótipos como na influência que exerce na sociedade.

Entende-se que a Educação Física, órgãos esportivos e de imprensa, podem contribuir para a desconstrução dos papeis e estereótipos vinculados às mulheres atletas com a finalidade de que se possibilite a experimentação e a vivência das mais variadas práticas da cultura corporal de movimento. O mais importante de tudo é que as atenções não se voltem para saber se ela “é” ou não homossexual, mas sim ao seu desempenho como atleta, como praticante da modalidade que gosta e que lhe dá prazer, e que isso traga apenas o julgamento do cronômetro, dos árbitros e dos juízes.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. **Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina**. Revista de Estudos Feministas. vol.11, n.2, Florianópolis, jul./dez. 2003.

_____. **Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades**. Revista Movimento Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 11-29, janeiro/abril de 2006.

AZEVEDO, Tânia Maria Cordeiro. **A mulher e a atividade desportiva: preconceitos e estereótipos**. (Análise de periódicos especializados em Educação Física 1932 a 1987). Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal Fluminense, 1988.

BARDIN Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

CHIÉS, Paula Viviane. **“Eis Quem Surge no Estádio: É Atalante!” A História das Mulheres nos Jogo Gregos.** Rev. Movimento - v. 12, n 3, set/dez 06.

DEVIDE, Fabiano Pries. e VOTRE, Sebastião Josué. **Doping e mulheres nos esportes.** Rev. Bras. Cien. Esp., Vol. 27, n.1, Set.2005.

FERRETI, Marco Antônio de C. e KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias.** Revista Movimento (ESEF/UFRGS), v. 13, n. 1, 2007

FIGUEIRA, Luiza Machado e GOELLNER, Silvana Vilodre. **Skate e mulheres no Brasil: Fragmentos de um esporte em construção.** Rev. Bras. Cien. Esp.. v. 30, n.3, p. 95-110, maio 2009

FRANZINI, Fábio. **Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.** Rev. Bras. História. vol.25 no.50 São Paulo July/Dec. 2005

GOELLNER, Silvana Vilodre e FRAGA, Alex Branco. **Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros.** Rev. Movimento - v.9, n. 3, p.59-82, set./dez. de 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, Maternal e Feminina. Imagens da mulher na Revista de Educação Physica.** Ijuí, R.S., Ed. Unijuí, 2003.

_____ **Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico.** Revista Movimento (ESEF/UFRGS), v.13, n. 02, p.171-196, maio/agosto de 2007.

_____ **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.** Revista Brasileira de Educação Física Esporte, São Paulo, v.19, n. 2, 2005.

GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades: uma revisão teórica.** Revista Antropologia em Primeira Mão do Programa de Pós Graduação da UFSC. 2004.

HANSEN, Roger e VAZ, Alexandre Fernandez. **“Sarados” e “gostasas” entre alguns outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação.** Rev. Movimento. v.12, n.1, jan/abr 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”.** In: LOURO, Guacira; GOELLNER, Silvana; FELIPE, Jane. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 2ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 41-52

LOVISOLO, Hugo, SOARES, Antônio J. e BARTHOLLO, Tiago L. **Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas.** Rev. Movimento. v.12, n.3, mai/ago 2006.

MELO, Gislane F., GIAVONE, Adriana, TRÓCCOLI, Bartholomeu T. **Estereótipos de Gênero Aplicados a Mulheres Atletas.** Psicologia: Teoria e Pesquisa Set-Dez 2004, Vol. 20 n. 3, pp. 251-256.

MOURÃO, Ludmila. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização.** Revista Movimento (ESEF/UFRGS), Vol. 6, No 13, 2000.

MOURÃO, Ludmila e MOREL, Márcia. **As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo.** Rev. Bras. Cien. Esp.; v. 26, n.2, Jan. 2005.

REZENDE, Thelmy Arruda. **Meninas! Aqui? A experiência constitutiva das alunas pioneiras do Colégio Militar de Brasília: 1989-1995.** Tese de doutorado. UnB. 2009.

RIGO, Carlos, GUIDOTTI, Flávia G., THEIL, Larissa Z., AMARAL, Marcela. **Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico.** Rev. Bras. Cien. Esp., v; 29, n. 3, maio,08

RUBIO, Kátia, SIMÕES, Antônio Carlos. **De espectadoras a protagonistas. A conquista dos espaços esportivos pelas mulheres.** Revista Movimento. n.11, 1999.

SARAIVA, Maria do Carmo, **Co-Educação Física e Esportes: Quando a diferença é mito.** Ijuí-RS, Editora Unijuí, 1999.

_____. **O gênero: confronto de culturas em aulas de Educação Física.** Revista Brasileira de Ciências Do Esporte, V15, nº2, jan/1994.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Revista Educação & Realidade. Gênero e Educação. Porto Alegre: vol. 20, n.2, jul/dez., 1995, p.71-99.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. & ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar.** Cad. CEDES, Ago 1999, vol.19, no.48, p.52-68

SOUZA, Juliana Sturmer S. e KNIJNIK, Jorge D., **A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil.** Rev. bras. Educ. Fís. Esp. 2007, vol. 21, no. 1, pp. 35-48.

CONTATO:

Endereço: R. Jorn. Tito Carvalho, nº 155, Bloco Verona, Apto. 307
Bairro: Carvoeira
Cidade: Florianópolis –SC
CEP: 88040-480
Email: tag_br@yahoo.com